

SANTOS SANTINHOS: UM FRAGMENTO DA VIDA SACRAMENTAL, FESTIVA E FAMILIAR DA ALTA CLASSE MÉDIA CARIOCA 1910-1960*

Margarida Maria Moura**

Resumo: *Santos Santinhos* pretende ser o primeiro passo de uma pesquisa sobre o modo de vida familiar, festivo e sacramental da classe média carioca na sua fração mais abastada. Através da análise da coleção de estampas piedosas do catolicismo urbano designadas *santinhos*, busca-se compreender os sistemas de troca, as representações mentais e as práticas religiosas num período entre 1910 e 1960. Outrossim, ramificações do tema nas quatro décadas posteriores do século XX são também contempladas no presente artigo.

Palavras-chave: trocas de dons; classe média abastada; Rio de Janeiro; sacramentos; festas; estampas sacras; vida familiar

Apresentação

Pretende-se analisar esse circuito de trocas de bens simbólicos por meio de estampas de santos ou cenários piedosos que demarcam e celebram atos religiosos de natureza sacramental e festiva entre católicos praticantes da alta classe média, no Rio de Janeiro, entre 1910 e 1960. Os santinhos impressos em papel, distribuídos nas festas urbanas por ocasião de batizado, primeira comunhão, crisma, casamento e falecimento, viabilizavam um sistema de trocas de dons muito caro a essa camada, que assim efetuava não só sua representação simbólica do tempo sacramental e litúrgico, mas faziam circular a amizade, as relações familiares, as relações de compadrio e as relações entre demais parentes.

Esse sistema de trocas de dons opera, conforme assinalou Marcel Mauss, de um modo em que “Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e eis como as pessoas e as coisas misturadas saem, cada uma, das suas esferas e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca” (MAUSS, 1988, p. 86). O acervo de 300 santinhos indica um sistema de trocas de natureza religiosa e afetiva que permite compreender uma parte notável da sociabilidade urbana no período analisado.

Em trabalho anterior foi apontado que “O hábito de dispor de orações, santinhos e imagens iluminadas não é tão-somente uma prática do catolicismo rural. É também uma prática das classes subalternas no meio urbano, que penetra, com igual veemência, em outros segmentos e classes sociais” (MOURA, 1988, p. 21). Porém, cada meio, rural ou urbano, reserva particularidades em relação à prática mencionada.

* Trabalho apresentado no 32º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos do CERU, em maio de 2005.

Como exemplo cita-se, a partir de informação obtida por Gilza Rojas Barreto (aluna de iniciação científica, 2003-2004, foi assistente de pesquisa e integra o GAIAA), o destino dado, na região pesquisada, à maioria dos santinhos que se acumulam e as imagens danificadas. Em geral, quando se decide por descartá-los, são lançados em água corrente. Assim, dificilmente os santinhos chegam a constituir um montante semelhante ao que pretendo analisar.

Conforme necessário, serão cotejados os santinhos do período de 1910 a 1960 com os da atualidade. Estes últimos, em grande parte, deixaram a esfera de trocas de dons marcada pelas relações pessoais e passaram a constituir um sistema pessoal de trocas. Desse modo, não se sabe quem ofertou os santinhos, nem quem os receberá. Sua distribuição ocorre em igrejas católicas e até mesmo em estabelecimentos comerciais. Além da estampa de um santo e da oração a ele relativa, há a informação do valor em dinheiro que o interessado deve se dispor a pagar caso queira mandar imprimir um milheiro, mil estampas piedosas.

Essa mudança ocasionada no sistema de trocas de dons se deve a novos padrões de sociabilidade inerentes à modernidade. A fim de possibilitar melhor compreensão dessa transformação, retoma-se a argumentação de Georg Simmel sobre a cidade grande e sua relação com o dinheiro⁹⁴, além dos esclarecedores comentários de Leopoldo Waizbort acerca do ensaio de Georg Simmel *Philosophie des Geldes (A Filosofia do Dinheiro)*.

De acordo com Simmel, a cidade grande criou condições para a circulação e concentração do dinheiro nas bolsas, nos bancos, nos mercados. Devido às ações financeiras promovidas na grande cidade, esta se tornou sede da economia monetária, à diferença do campo e das pequenas cidades, uma vez que “A economia do dinheiro domina a metrópole” (SIMMEL, 1967, p. 16). Simmel articulou à grande cidade a caracterização do dinheiro e o que ele simboliza.

Ao tratar da grande cidade, Simmel toma como referência, conforme Waizbort, o rápido processo de industrialização na Alemanha, o qual significou um excepcionalmente rápido e penetrante processo de monetarização de todos os âmbitos da vida, que anteriormente não eram penetrados pelo dinheiro e sua lógica própria (WAIZBORT, 2000, p. 318). Em seguida, afirma que, para Simmel, o contraste da grande cidade com a cidade pequena e com o campo se deve a características desses espaços, em que a penetração de uma economia monetária não é, nem de longe, comparável à cidade grande e em que há redutos nos quais a lógica do dinheiro não penetrou ainda. O autor faz a ressalva de que se tratava da Alemanha do Segundo Império (WAIZBORT, 2000, p. 319).

** Margarida Maria Moura, é livre docente do Departamento de Antropologia, FFLCH-USP. É coordenadora do Grupo de Antropologia Jurídica, Agrária e Ambiental (GAIAA) – registrado no CNPq.

Essa lógica própria ao dinheiro contribui, na cidade grande, enquanto principal lugar da economia monetária, para a monetarização das relações de forma “explícita ou travestida de mil formas” (WAIZBORT, 2000, p. 325). A lógica do dinheiro se deve à concentração que este opera. Dessa maneira, “ele chama tudo para si, possui uma ‘força centrípeta’ que, como um imã, atrai tudo e todos ao seu redor” (WAIZBORT, 2000, p. 326).

Segundo Simmel, devido à monetarização das relações, a mente moderna se tornou mais e mais calculista. Essa atitude, que vê como prosaico o lidar com homens e coisas, se relaciona ao predomínio da economia monetária na modernidade:

O dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta o valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade à questão: quanto? Todas as relações emocionais íntimas entre pessoas são fundadas em sua individualidade, ao passo que, nas relações racionais, trabalha-se com o homem como um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente (SIMMEL, 1967, p. 15).

Devido a suas características, o dinheiro socializa os homens como estranhos, visto que “Na cidade grande tudo é feito por desconhecidos e para desconhecidos. Isso torna a objetividade das transações muito mais fácil, sem as interferências que as relações pessoais, baseadas no conhecimento e portanto no ânimo e sentimento, trazem consigo” (WAIZBORT, 2000, p. 320).

Esta monetarização das relações que passaram a ser predominantemente impessoais, possivelmente se faz presente em diversos sistemas de troca. Penetrados pela lógica do dinheiro, as trocas de santinhos, atualmente deixaram de ter a marca das relações pessoais. Desse modo e tendo em vista essas reflexões pretende-se empreender a análise dos santinhos que foram trocados por pessoas entre 1910 e 1960⁹⁵ e, em seguida, o que caracteriza o período 1960-1990 e, ainda, o período 1990-2000.

Catolicismo da alta classe média carioca: 1910-1960

As estampas piedosas que cunham as datas de recepção dos sacramentos católicos e de solenidades afins, denominadas santinhos, constituem uma fonte documental de rara fecundidade para o entendimento da vida religiosa e festiva daqueles que delas fazem dons de troca e circulação. Na alta classe média carioca, composta nesta amostra de proprietários de trezentos santinhos, além de missais, manuais cristãos e livros de catecismo infantis, a troca se dava nas seguintes ocasiões: batizados, primeiras comunhões, crismas, matrimônios, votos de ordem,

⁹⁴ Segundo nota do autor, “O conteúdo desta conferência, por sua própria natureza não deriva de literatura suscetível de ser citada. A discussão e elaboração de suas principais idéias culturais-históricas estão contidas em minha *Philosophie des Geldes (A Filosofia do Dinheiro)*, Munique/Leipzig: Duncker und Humblot, 1900”.

⁹⁵ Por alta classe média será entendida a camada composta de médicos e advogados, pessoas com alta patente militar, conferentes da alfândega, funcionários ministeriais e até professores e pesquisadores altamente qualificados, que mantinham entre si relações de amizade, compadrio, parentesco e vizinhança.

bodas de prata e de ouro (vinte e cinco e cinquenta anos de matrimônio), páscoas coletivas, falecimentos, festas de padroeiros paroquiais e missas de sétimo dia de falecimento. Há também um número expressivo de estampas de santos e santas católicas trocadas entre pessoas queridas por laços de amizade: saudade, visita, lembrança.

Essa catolicidade eclesial, mas também familiar, vicinal, de parentesco, de compadrio e amizade combinava a cerimônia litúrgica e a festa profana, a igreja e a casa, o sagrado e o doméstico, combinações cujo elo de ligação era a distribuição na saída do templo ou na chegada à residência, dos comungantes ou nubentes, ordenados ou batizados, crismados ou confirmados no casamento, dos santinhos.

Somente nos velórios não havia nada que se seguisse à encomendação do corpo, a solenidade se encerrando com o enterro. Nas missas de sétimo dia já houvera tempo de mandar imprimir a estampa piedosa que recordava o morto.

O núcleo de todas essas solenidades era uma paróquia católica e o ofício, sempre celebrado por algum sacerdote ou membro mais elevado da hierarquia eclesiástica, como no caso dos bispos, obrigatório nas crismas. Essas solenidades efetuavam dupla marcação simbólica do tempo: do tempo de um ano litúrgico e do tempo de uma vida litúrgica de um ou mais fiéis, este último caso envolvendo nubentes e casais, bem como coletividades segmentadas; para uma páscoa – recepção coletiva da Santa Ceia – como Filhas de Maria e Apostolado da Oração – ou para professoras, bancários, colegiais ou enfermeiras – ou ainda sob o formato de Páscoa dos homens, das mulheres, das crianças.

O tempo de um ano litúrgico convidava às páscoas anuais - por profissão, gênero ou grupo etário e o tempo de uma vida litúrgica iniciava-se com o batismo, que podia ser recebido desde alguns dias de nascido até o primeiro ano de vida; a primeira comunhão entre os sete e oito anos de idade, a crisma, aos doze anos e, a partir de então, com o matrimônio religioso de um casal ou da entrada no celibato clerical de um jovem ou de uma jovem, ou prosseguindo, no primeiro caso, com a celebração das Bodas de Prata, aos vinte e cinco anos de casamento, e das Bodas de Ouro, nos cinquenta anos de casamento. A morte ensejava à última ocasião que marcava liturgicamente a vida terrena da pessoa e os santinhos, habitualmente distribuídos na Missa de sétimo dia, eventualmente poderiam reaparecer no primeiro ano de falecimento ou até mesmo no quinto ou décimo ano de falecimento.

Essas estampas piedosas condensavam inúmeros significados das datas mencionadas, iconografia rica tanto na frente como no verso. A estampa mostrava um fragmento do domínio simbólico da data, um fragmento forte, prenhe, que evocava o matiz da comemoração.

Nota-se nos santinhos distribuídos por ocasião do batismo a recorrência à imagem do Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade divina, segundo a teologia católica romana. Sob a

forma de uma pomba branca, que teria pousado sobre os ombros de Jesus Cristo em seu próprio batismo nas águas do Rio Jordão, efetuado por João Batista, simboliza por excelência esse primeiro sacramento cristão. Nos santinhos distribuídos por ocasião das primeiras comunhões, a figura que predomina é a do próprio Jesus Cristo distribuindo a hóstia a uma criança de mãos postas em oração, veiculando-se assim o sacerdócio sacramental da própria segunda pessoa da Santíssima Trindade. Naqueles distribuídos por ocasiões das crismas, o foco principal está sobre uma figura com insígnias episcopais, que coloca a mão ou abençoa um pré-adolescente de mãos postas. É preciso lembrar que a crisma é uma confirmação de participação na fé católica, que é efetuada por um bispo da igreja.

Nos santinhos comemorativos de casamentos e mais especialmente de Bodas de Prata e Bodas de Ouro, há uma preferência pictórica pelo episódio bíblico das Bodas de Caná, mas por meio de uma representação artística da Renascença italiana, provavelmente um quadro de Giotto, sobre a cena.

Já os santinhos distribuídos por ocasião das mortes, nas missas fúnebres, as escolhas recaíam sobre figuras angélicas que zelam por um túmulo, numa atitude de oração e proteção. Geralmente feitos em folha dupla, traziam na segunda folha, interna, um retrato do morto ou da morta, com as datas de nascimento e falecimento, assinaladas. A primeira, com uma estrela e a segunda, com uma cruz. Na terceira folha, selecionavam-se pequenas frases indicativas do teor da vida do finado ou finada, bem como dos sentimentos do vazio e saudade que deixara.

As páscoas coletivas insistiam em estampas do Cordeiro bebendo a água de um regato, que sugeriam o trecho bíblico do Bom Pastor, o próprio Cristo Jesus, que oferece a água da vida terrena, mas principalmente da água da vida eterna àqueles que bebem o vinho da Santa Ceia.

Uma profusão incalculável de estampas de santos e santas da igreja circulava entre pais, filhos, amigos, paroquianos, colegas, afilhados, padrinhos, não só de adultos como também adolescentes e crianças, fundando redes concêntricas e excêntricas de reciprocidade, reforçando não somente o afeto entre pessoas, mas a devoção a Jesus, à Virgem Maria sua mãe e aos santos da Igreja. Dentre as várias situações em que Jesus aparece representado, destaca-se o Coração de Jesus, devoção cara à Igreja desse período⁹⁶ e principalmente à Virgem Maria.

Começar-se-á com as estampas piedosas da Virgem Maria.

1 As devoções marianas

⁹⁶ Cujo teor depois será artigo.

As estampas da Virgem Maria são numerosas nas devoções das famílias cariocas no período estudado. É a personagem sagrada feminina mais presente nos santinhos, pelo seu caráter maternal.

A mãe de Jesus aparece nos santinhos mediante múltiplas devoções: em um santinho de 1918, está escrito: “Santíssima Virgem Maria, vós que estais a todos os instantes diante do trono da Santíssima Trindade (...) conduzi minh’alma convosco para o Céu, afim de que, unida a todos os escolhidos eu possa bendizer, louvar meu Deus e vós, oh minha mãe, durante toda a eternidade. Assim seja”.

Num santinho de 1938, lembranças da Solene Comunhão Pascal (Solemne Communhão Paschoal) da Juventude Feminina Católica da Parochia de Nossa Senhora da Paz na zona sul do Rio, a Virgem é apresentada como o lírio entre os espinhos, símbolo de sua pureza virginal que lhe confere a gestação excepcional de Jesus, e o nascimento virgem, como lembra E. R. Leach no artigo do mesmo nome. Um santinho de Nossa Senhora de Luján, do período citado, recorda que as estampas piedosas poderiam chegar por meio de cartas procedentes do exterior. E, de fato, esta chega de amigos uruguaiois à família residente no Rio de Janeiro, lembrando uma data festiva, em conexão com algum sacramento católico.

Num santinho de Nossa Senhora de Fátima, impresso em São Paulo em 1960, pede-se, entre outras coisas, “trazer consigo o Escapulário do Carmo, cumprir exatamente os deveres cristãos, oferecer os sofrimentos e sacrifícios ao Imaculado Coração de Maria, (...) e a Comunhão dos Primeiros sábados, em desagravo ao Imaculado Coração de Maria”. Essa devoção é denominada o Exército Azul.

Uma estampa piedosa de origem francesa – como de resto muitas outras que circulavam na alta classe média durante o período – mostra a Virgem diante do Menino Jesus. O título da cena é “Les Lys de la Crèche” – os lírios do presépio – e propõe: “Soyons par notre pureté un de ces lys qui ravissent le divin Enfant”, o que quer dizer, “Sejamos pela nossa pureza um desses lírios que encantam o divino menino”. No verso, uma dedicatória simples diz: “Sim ... Não... Octávia”, deixando-nos imaginar um pedido de namoro, talvez – e consta a data de 1928.

Com muita freqüência notam-se santinhos de Nossa Senhora Aparecida. Num deles grifase a recordação do encerramento do mês de maio e da “Solemne Coroação de Nossa Senhora”, realizada com toda piedade e geral edificação na igreja dos gloriosos mártires São Crispim e São Crispiniano (...) em primeiro de junho de 1931.

Um antiqüíssimo santinho de Nossa Senhora da Penha do Irajá está ornado de uma estrela de seis pontas, preenchidas por um rococó prateado de grande elaboração, além de pedras coloridas. Possivelmente datado de 1910 ou/e até um pouco anterior, recorda a ida freqüente da família a celebre igreja do penhasco de Irajá, onde o casal, dono do acervo, havia batizado suas

duas filhas em 1907 e 1908. Um outro, da mesma Penha, assinala uma visita de família à igreja em 21/10/191?. O mais “moderno” é uma lembrança da neta aos avós, de 1967, que mostra Nossa Senhora dos Prazeres, de um lado, e a reprodução de sua placa comemorativa de outro, onde se lê: “1656: O mestre de campo general do Estado do Brasil mandou em acção de graças edificar à sua custa esta capela à Virgem Nossa Senhora dos Prazeres, com cujo favor alcançou neste lugar as duas memoráveis vitórias contra o inimigo olandez (...)”. O santinho é proveniente do Recife.

As virgens de Fátima são freqüentes, também. Desde as aparições de 1916-1917, na Cova da Iria, em Portugal, proliferam os santinhos com essa Virgem. Já mencionada antes, neste texto, vale lembrar num outro, as recomendações que a Escola Apostólica de mesmo nome, situada em Fortaleza, no Ceará, propõe à recipiente: “Benefícios espirituais através de atitudes piedosas diariamente, mensalmente e anualmente”. Outro, da mesma devoção rememora as crianças camponesas – os videntes – a quem se dedica a devoção. Como também um ato de desagravo em honra da Imaculada Virgem Maria, com indulgência concedida pelo Papa, em decreto de 13 de junho de 1912.

Numa dedicatória cheia de ternura, oferece uma tia a uma sobrinha “Para D., filha de Maria espiritual, um auxílio poderoso para sua vida”. Adverte o texto sobre as dez virtudes da filha de Maria: “A Humildade, a Submissão, a Doçura, a Oração, a Mortificação, a Pureza, a Paciência, a Sabedoria, o Amor a Deus (...)”. A estampa representa a Virgem, em oração.

No final do Império de Dom Pedro II, difunde-se no Brasil o culto à Virgem de Lourdes, aparição mariana ocorrida na França em 1858; assim nos ensina Gilberto Freyre em “Ordem e Progresso”. Proliferam os santinhos de Nossa Senhora de Lourdes, na coleção analisada. A devoção era venerada na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, à Avenida 28 de setembro, 200, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Um trecho da oração que o santinho traz, nos diz: “Ó resplandecente visão do paraíso/, expulsai dos espíritos, pela luz da fé/ as trevas do erro/ Ó místico rosário/ com o celeste perfume da Esperança/ aliviad as almas abatidas/ ó fonte inesgotável de água salutar/ com as ondas da divina caridade/ reanimad os corações áridos”.

Noutra dedicatória, de uma aluna a uma professora presente num cantinho que estampa a Sagrada Família, diz: “À T., sincera recordação da alumna que vos adora, Nadyr Freitas, Rio, 10-1-1932”.

A Virgem no presépio, cercada de anjos e pombas, enseja a Erminda e família a seguinte dedicatória: “Para a família Pourchet, Que Jesus Menino encha de bênçãos o lar que sempre me abriga com carinho”, em 22-12-1935. Como também, o mesmo presépio enseja o Feliz Natal da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Consolação e Correia, em 25-12-1960, a alguém que se desconhece.

Um santinho da Imaculada Conceição possivelmente dos primeiros anos da década de 10 do século passado, é lembrança de uma mãe a uma filha: “M.J.: Lembrança de sua mãe, Rio, 20 de maio de 191?”.

Um outro também, muito antigo, mostra a “Verdadeira effigie de N. Sra da Conceição e Boa Morte, à Rua do Rozário entre Avenida Central e Rua dos Ourives” e traz no verso a famosa e antiga “supplica de São Bernardo” que se encontrou muito difundida também no Recife, como bem demonstra o depoimento do professor Melquiades Montenegro⁹⁷. Reza a famosa oração: “Lembrae-vos, ó piíssima Virgem Maria que jamais se ouviu dizer que algum d’aqueles que tem recorrido à vossa proteção e implorado o vosso socorro fosse por vós desamparado. Animado eu pois, com igual confiança à Vós, Virgem, como mãe recorro e gemendo sob o peso de meus peccados me prosto a vossos pés: não desprezeis as minhas supplicas; ó Mãe do filho de Deus Humanado, mas dignae-vos acolhe-las piedosamente. Amén”. (Não consta data, mas arrisco ser uma estampa piedosa anterior a 1910).

Uma religiosa, amiga dos colecionadores dos santinhos, envia a um membro da família, em 9 de maio de 1954 uma Virgem abraçada ao menino seu filho. Trata-se da irmã Voisin, conhecida nos círculos católicos do Rio de Janeiro por ser Superiora da Congregação que dirigia os trabalhos da antiga Casa dos Expostos, depois rebatizada Fundação Romão de Mattos Duarte.

A Casa dos Expostos era, desde a Colônia, o lugar em cuja roda – roda dos expostos – cilindro achatado móvel protegendo, por uma parede de madeira a visão de quem estava fora, da Casa, da visão de quem estava dentro – deixavam-se os bebês e crianças de baixa idade enjeitados. Ali recebidos e asilados, eram objeto da compaixão pública, que doava alimentos, dinheiro, brinquedos às crianças que ali moravam. Certamente se estabelecera esta relação com proprietários dos santinhos. É digno de nota, também, o fato de que o santinho da Virgem trouxesse no verso uma “Heresia” – no caso, de número 42 – que devia ser conhecida, para ser corretamente evitada pelo leitor católico romano. A 42º heresia que o santinho referia era a dos Unitários [que] “formam a seita dos que negam a Trindade de pessoas em Deus”.

Devoção mariana das mais queridas, especialmente nos primeiros trinta anos do século XX, Nossa Senhora da Cabeça era trocada entre muitos amigos, parentes, vizinhos e colegas em diferentes circunstâncias. Sempre foi padroeira, por excelência não só das pessoas que têm “problemas da cabeça”, oriundos de males psíquicos, com cefaléias, isto é, “dores de cabeça”. Uma senhora, ouvida na pesquisa nascida nos “teens” “daquele século contou que a devoção da Virgem da Cabeça era refúgio para cura das citadas dores. Foram encontrados três santinhos dedicados a ela e em cuja prece, no verso, estão as seguintes palavras: “Salve Imaculada, Rainha

⁹⁷ O professor Melquiades nos disse que esta oração se reza, hoje, todas as noites, ao se fechar a sua casa de chá, naquela cidade (observação obtida no Recife).

da Glória, Virgem Santíssima da Cabeça, em cujo admirável título fundam-se nossas esperanças, por serdes Rainha e Senhora de todas as criaturas”.

Encontra-se ainda no precioso acervo duas estampas de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos, que se festeja em 24 de maio, com a frase da ladainha da “Santíssima Virgem”, em latim: *Auxilium Christianorum, ora pro nobis*, uma Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e um santinho com dedicatória da mãe das Dores, em cujo verso, alguém escreveu à caneta tinteiro: Ó Maria, cheia de dores, mãe de todos os cristãos rogai por nós, com data de 15 de setembro [de 1953], quando se festeja esta devoção; um santinho datado de 1931 (21 de novembro) em que a virgem aparece em meio a um jardim florido, carregando lírios; no verso nota-se que é presente de uma aluna à sua professora: à Dona J, recordações da alumna Rizza.

Também, entre as várias Imaculadas Conceições já mencionadas, encontra-se esta, também francesa, que diz sob os pés da imagem: “O Marie, conque sans peché, priez pour nous qui avons recours a vous”⁹⁸ e com a seguinte dedicatória: “A minha estimada mestra como prova de sincera amizade ofereço este, para que nunca se esqueça da alumna que lhe ama, ND”. Trata-se de uma lembrança da festa do dia oito de dezembro de 1929, realizada na Capela de N. Sra da Graças. Duas outras também, da Virgem da Conceição, mas sem nada escrito no verso, são variações da figuração mais comum, Maria assunta in coelo (assuncionada aos céus pelos anjos), mostrando a Virgem “diante de suas filhas” – várias figuras femininas ajoelhadas; e uma virgem que se parece com a variante denominada Nossa Senhora das Graças.

Datada de 1940, encontrou-se a devoção à “verdadeira imagem” da Nossa Senhora da Glória do Outeiro – que se venera em sua capela no Rio de Janeiro. No verso lê-se sua oração, onde se destaca o seguinte trecho: “Do alto dêsse trono em que reinais sobre todos os Anjos e Santos, volvei para nós os vossos olhos misericordiosos: vede a quantas tempestades e mil perigos estaremos, sem cessar, expostos até o fim de nossa vida (...) Pelos merecimentos de vossa bendita morte (...)”. E aqui se recorde que a “Glória” é justamente a ascensão aos céus, pelas hostes angélicas festejadas no catolicismo romano, não só como dia de Nossa Senhora da Glória como dia da Assunção da Santíssima Virgem (15/8). No Oriente, no catolicismo ortodoxo é a maior festa mariana de todo o ano litúrgico e se denomina a Dormição da Santíssima Virgem, pois esta teria dormido ao invés de morrer. Lembremos que Nossa Senhora da Glória do Outeiro é uma Imperial Irmandade também, intimamente ligada à Família Imperial desde o primeiro reinado, ao mesmo tempo em que recebe, no seu dia, filhas de Oxum (ela é uma Grande Oxum), que vêm de branco venerá-la e assistir a missa solene do seu dia.

⁹⁸ “Ó Maria, concebida sem pecado, orai por nós que recorreremos a vós”.

Ainda sobre a devoção a Nossa Senhora Aparecida há um santinho chamado “verdadeiro retrato”, que contém no verso escrito “Lembranças de minha visita à Aparecida, em 24/6/1932; há outro que coroa a Virgem com a expressão Rainha do Brasil, um terceiro em que se nomeia a Padroeira do Brasil; e ainda um outro comemorativo do Congresso Eucarístico Internacional onde uma oração alusiva ao ato, datada de 1953 diz, em determinado trecho: “Conservai a inocência das crianças, a harmonia e estabilidade dos lares, a autoridade de pais e mestres, a dedicação das mães; Restabelecei a pureza dos costumes e dirigi a juventude. Sede o amparo dos fracos e o consolo dos aflitos. Aproximai na justiça e na caridade patrões e operários (...) aos governos daí boa orientação, ordem à sociedade, e ao mundo Vossa Paz. Amém. “Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, rogai por nós”.

Em 1957, uma filha manda, de Aparecida para sua mãe, a seguinte mensagem: “Na Aparecida rezei muito pela alma de nosso querido chefe e pedi a Deus consolo para a senhora – J”. O querido chefe é, na verdade, o pai da missivista, de quem a mãe enviudara recentemente.

2 Devoções a Jesus e ao Coração de Jesus

Importantíssima no período, como já foi dito, é a devoção a Jesus Cristo e muito especialmente ao seu coração. A razão para essa importância está na canonização, em 1920, de Santa Margarida Maria Alacoque, freira da Ordem das Visitandinas de Paray-le-Monial, perto de Lyon, no interior da França. O culto ao Coração de Jesus é obviamente muito anterior, pois data do século XVII, mas incrementa-se com a santificação da vidente.

Nesse sentido, uma estampa piedosa vinda da França, exatamente de Paray, mostra um pequeno retrato de Margarida Maria, mostrando a primeira estampa desenhada do Coração de Jesus e uma pequena relíquia da noqueira, onde ocorreu a aparição. Logo abaixo, está escrito: “J’espère tout du Coeur de Jesus (Eu espero tudo do coração de Jesus)”. No verso, a dedicatória enviada por moça brasileira à outra de mesma nacionalidade, em francês, língua ainda corrente nas relações de amizade e de família na alta classe média carioca: “Ma chère Julinha, à Paray-le-Monial j’ai pensé à toi. Souvenir de Laís (Minha querida Julinha, em Paray-le-Monial eu pensei em você. Lembrança de Laís)”. Consta a data de 14 de outubro de 1926.

Uma estampa piedosa datada de 23 de junho de 1929 diz ser lembrança da Festa do Apostolado da Oração – festa intimamente ligada ao Coração de Jesus, realizada na Igreja de São Crispim e São Crispiniano num bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. A estampa tem abaixo a seguinte mensagem, também em francês: “Mon coeur est plein d’amour pour ceux qui m’aiment (Meu coração é cheio de amor por aqueles que me amam)”, dedicatória setecentista à Santa

Joana de Chantal, que, junto com São Francisco de Sales, inauguravam então na França importante movimento de renovação litúrgica e monástica no século XVII.

Devoção das moças que entravam para o Apostolado da Oração, há um santinho com a seguinte jaculatória, em francês, pelos motivos já expostos: “Coeur Sacré de Jesus, je me consacre entièrement à vous; protegez la Sainte Eglise contre ses ennemis, sanctifiez notre patrie et faites que je vous aime toujours davantage (Sagrado Coração de Jesus, eu me consagro inteiramente a vós; protegei a Santa Igreja contra seus inimigos, santificai nossa pátria e fazei com que eu vos ame sempre mais)”. À caneta tinteiro, no verso, está escrito: “Lembrança da entrada para o apostolado do Sagrado Coração de Jesus de M.J.P., Igreja de São Chrispim e São Chrispiniano, primeiro de maio de 1925”. O mesmo volta a ocorrer na Festa de 6 de julho de 1930.

Em 1924, um santinho do Coração de Jesus já havia sido dado em prova de amizade do casal Lucia e Eurico ao casal E. e E.P. A então denominada Carteira de Identidade Católica, com uma estampa da Sagrada família, era um passaporte para uma morte cristã, caso fosse súbita ou brutal. Além da declaração do possuidor(a) de que era católico apostólico romano, trazia dados pessoais e, na quarta capa, a figura de Jesus agonizante, em que se pede Piedade pelos moribundos. Da oração, na parte interna, destaca-se o seguinte trecho: “Em caso de acidente na via pública ou em qualquer lugar em que seja necessário o meu transporte para um hospital, peço, por caridade, que chamem um sacerdote católico (...) peço que Deus me perdoe os meus pecados por seu grande amor aos homens, derramando seu precioso sangue para nossa e minha salvação. Assinatura.

Entre primas, circulam um santinho de Jesus na condição de um bebê, rodeado por seis pequenos anjos, os querubins. A prima de São Paulo assim se dirige à prima do Rio de Janeiro: “Querida J., com um grande abraço e mil beijinhos de sua prima Nilce. 1-1 de 1923”.

“Ametur ubique terrarum Cor Jesu sacratissimum! (Amado seja em todo lugar o Sagrado Coração de Jesus!)”, repetem-se em varias estampas piedosas, uma delas pedindo a canonização de um padre, sobre o qual se diz: “Jamais falhou, ó Senhor, a Vossa Providência; mostrei-a pois também nesta minha necessidade, para glorificação do Vosso Servo, que tanto se sacrificou para permanecer fiel ao vosso chamado para difundir a devoção reparadora ao Sagrado Coração de Jesus (...)”.

Entre cunhadas circulavam também santinhos. Jesus, em companhia de seu pai terreno, São José, é pretexto para vir de São Paulo para o Rio de Janeiro a seguinte dedicatória: “À querida Eugênia, um grande abraço pelo dia de hoje (pela data trata-se do aniversário da recebedora), São Paulo, 19-7-1933, Nêsinha”.

Pretexto para G.P. oferecer à menina D.D. um santinho antigo (possivelmente da década de 30 ou de 40) por ocasião da Primeira Comunhão desta, em 11 de outubro de 1954. Trata-se de uma delicada figura de Jesus Menino, de mãos postas, circundado por lírios, símbolo católico da pureza virginal. É também pretexto para dona M.A. oferecer a M.R., no ano de 1956, uma estampa piedosa do “Cristo de marfim, que pertenceu à Sórora Joana Angélica de Jesus. Oferta da professora Isaura Mata dos Santos, sobrinha bisneta da Freira Mártir, sacrificada em defesa da Casa de Deus em 20 de fevereiro de 1822. Inaugurada na sala do Museu do Instituto Feminino da Bahia em 2 de julho de 1952”. Trata-se de crucifixo barroco de grande valor artístico fotografado em preto e branco.

Já nesse período, 1910-1960, encontrava-se bem instalado na alta classe média carioca o costume de “entronizar” a figura ou imagem do Coração de Jesus em lugar de honra da morada familiar, para que fosse visto e venerado e, também, que Ele próprio pudesse ver e abençoar. A figura, geralmente emoldurada, ocupava uma parede da sala de visitas, acima do principal sofá, acima do piano ou acima de um armário mais solene. Esse costume vinha *pari passu* com as chamadas bênçãos papais também emolduradas – em que o pontífice abençoava a família – explicitamente concedidas em nome de Jesus e também com as ceias do Senhor, colocadas na parede mais próxima da mesa da sala de jantar. A maioria das reproduções é de um quadro do grande Leonardo da Vinci. Um santinho impresso no final do período mostra Jesus e no verso recorda a piedosa lembrança da entronização do Sagrado Coração de Jesus no lar de M.T.S. em 5 de novembro de 1957. M.T.S., engenheiro de grande projeção no Rio de Janeiro, tinha sido nada mais nada menos que o responsável pela eletrificação das linhas da Estrada de Ferro da Central do Brasil, tendo para isso estagiado na Inglaterra, no final dos anos trinta do século passado. Para isso escolheu ilustrar o santinho com o eloqüente trecho do Evangelho de Marcos: “Prepara-me um cenáculo grande e bem organizado e celebrarei em tua casa a Páscoa com meus discípulos”. Trata-se de um presente da família de M.T.S. à E.E.P.

Por último, é preciso assinalar as devoções ao Menino Jesus de Praga – Jesus, em sua infância aparece vestido de rei, coroado, tendo à mão esquerda o globo terrestre e, com a direita, faz o sinal do hierofante.

Colocados muitas vezes numa relação de complementaridade – estampas piedosas de Maria e de Jesus ilustram a díade favorita da cristandade católica: a relação mãe-filho. Enviados alternadamente, ou juntos, reunidos no mesmo santinho, a Sagrada Família,⁹⁹ ou somente Maria com seu filho Jesus, simbolizavam a família elementar Pai-Mãe-Filho – e filho homem – e a díade Mãe-Filho homem, típicas da classe média carioca no período analisado e a ela muito caras.

⁹⁹ Inclui São José, pai terreno de Jesus Cristo, já que seu pai celestial é o próprio Deus.

A família elementar patrilinear e ainda patriarcal, e que tinha como contraparte embutida o “maternalismo” da mãe (expressão de Gilberto Freyre), era a forma mais visível da família, o ideal católico, que excluía do modelo ideal as bastardias, os concubinatos, os amasiamentos, a filiação feminina exclusiva, que manchavam a vocação do nome masculino de família, passados, naturalmente, de geração ascendente à geração descendente. Os santinhos não somente colaboravam, no sentido de viabilizar a noção de virgindade e pureza sexual, mas também a pureza de linha e de sangue que a Sagrada Família expressava.

A relação mãe-filho homem simboliza a relação mais sobre-enfatizada da cultura da alta classe média: a mãe castiça, pudica e superprotetora do continuador da linha, o filho homem, mas que também poderá vir a ser o seu filho padre. Relação fortemente edípica, em que a paixão venerável pela mãe terrena reforça-se, no sagrado pela paixão venerável de Cristo por sua mãe, que um catolicismo romano e sobretudo latino quer deixar bastante claras na prática e nas representações.

1.3 Devoções aos Santos e Santas

Os santos e santas sempre foram mediadores junto a Deus, a Jesus Cristo e ao Espírito Santo – Trindade consagrada pela vida sacramental. São devoções setoriais que beneficiam todos os fiéis indistintamente, mas em que também podem se visualizar os favoritismos de certas invocações dentro das diferentes frações da sociedade: Santa Luzia, padroeira dos olhos, São José, protetor das famílias, Santa Catarina, protetora das donzelas, Santa Cecília, padroeira dos músicos e assim por diante.

Encontra-se na coleção sob estudo também uma frequência maior de certos santos: Santa Teresinha do Menino Jesus, São José, Santo Antônio de Pádua, São Benedito, São Francisco, as devoções dos veneráveis, que aspiram à santificação, como é o caso do Padre João Leon Dehon ligado ao culto do Coração de Jesus; o da milagrosa Francisca de Paula de Jesus, apelidada Nhá Chica¹⁰⁰, bem como a predileção para com certos papas – pontífices católicos em que se destacam, nas estampas piedosas, como Pio XII e João XXIII. Neste sentido, há um cunho íntimo e familiar nos santinhos, que, além do vínculo cultural mais amplo com a religião e com a classe, espelham também a devoção de um grupo de parentesco: de pai a filho, entre primas, de mãe a filha, entre comadres, entre cunhadas.

Um santinho da Virgem com o menino na presença de mais alguns santos espelha bem essa última troca, entre cunhadas. Diz o texto: “Querida E., recebi ontem sua carta, muito

¹⁰⁰ Nhá é abreviatura de sinhá.

agradecida. Com este vão muitas saudades nossas dahi e um abraço mais saudoso ainda. Da cunhada muito amiga. Nêsinha. São Paulo, 16-6-1937”.

A devoção a São José, padroeiro das famílias, enseja a impressão de um santinho emitido pelo Asylo Infantil Nossa Senhora da Pompéia, na zona Norte do Rio de Janeiro, lembrando a benção da imagem de São José, em 28 de janeiro de 1923 e pertence a E.P., jovem de dezesseis anos. O mesmo santo aparece na estampa piedosa que E.P. recebe da cunhada Nêsinha acima mencionada: lembrança da estada de N. [no Rio de Janeiro], de 27 de junho a 2 de julho de 1930.

Santo Antônio, o santo casamenteiro que se festeja em 13 de junho, enseja santinhos com oração: “Santo Antônio nos dá o pão”. Pois, também o pão de Santo Antônio, venerado desde a Colônia no majestoso Convento de Santo Antônio, entre a Esplanada do Castelo e a Esplanada do Senado no Rio de Janeiro, era buscado pelas famílias da classe média e da classe pobre na festa do mesmo, para que houvesse sempre fartura de alimento. O pão de Santo Antônio era então colocado na lata onde se guardava o arroz, ou mesmo o feijão, com esta santa finalidade.

Um outro também originário do Convento orienta no verso os treze pedidos que o milagroso santo pode proporcionar: primeiro, ajudar a salvar a alma; segundo, converter os pecadores; terceiro, pacificar a família; quarto, dar sorte nos negócios; quinto, devolver coisas perdidas; sexto, preservar do defeito físico; sétimo, curar das doenças; oitavo, não deixar cair em heresias; nono, defender dos acidentes; décimo, fornecer o pão aos pobres; undécimo, fazer [de si] um bom católico; décimo segundo, livrar da morte repentina e décimo terceiro, atender a este pedido (...) (sic). No ambiente doméstico recitava-se a seguinte rima, quando se desejava dele graça ou milagre: “Se milagres desejais/ recorrei a Santo Antônio. Vereis fugir o demônio/ e as tentações infernais/ Recupera-se o perdido/ rompe-se a dura prisão/ No auge do furacão/ cede o mar embravecido”.

Santa Rita de Cássia era veneradíssima na alta classe média carioca no período. Tanto quanto Santa Therezinha do Menino Jesus e mais do que Santa Teresa de Ávila, reformadora dos mosteiros espanhóis no século XV. A santa dos negócios difíceis e, sobretudo, dos casos desesperados, tais como brigas violentas, dores excruciantes, roubos e calamidades (calamidades também entregues à Santa Bárbara que não aparece no acervo *et pour cause*: é uma santa católica sincretizada na umbanda carioca e nela muito mais querida e venerada como Iansã) tinha sido casada e sofrera agressões nas mãos do marido. Esse aspecto sempre enfatizado de sua biografia pessoal fez dela uma invocação infalível das esposas, das desquitadas e das viúvas, que, independentemente do estado civil, tinham a sua própria história de violência familiar. Sua ferida cancerosa na testa, visível na sua estampa piedosa, faz com que raios de cura sejam emitidos, por Jesus Crucificado, na sua direção. Na Coroa de Santa Rita de Cássia, novena da

santa que circulava constantemente entre as famílias católicas, lê-se: “(...) pelas dores crudelíssimas que sofrestes em vossa frente”.

As inúmeras estampas piedosas de Santa Therezinha do Menino Jesus circulavam muito antes da sua canonização em 1926. Contemporânea, portanto, das pessoas mais velhas já mencionadas na reciprocidade e troca do acervo, a jovem Therezinha provinha de uma família abastada fervorosamente católica originária da França, de uma cidadezinha perto de Caen, denominada Lisieux. Seus milagres, tidos como rápidos e freqüentes, estavam envolvidos na mística da rosa, flor que se liga na tradição católica ao culto da Virgem Maria. Ainda beata, pede-se no santinho que se apresse a sua santificação, o mesmo datando de 30 de novembro de 1922. Quem presenteia o mesmo à E.E.P. é sua amiga Franklina.

Num santinho francês, antiqüíssimo, mas infelizmente sem data, lê-se o que toda boa moça brasileira da fração de classe em apreço cumpriria com facilidade: “Sainte Thèrese de l’Enfant Jesus: ‘Ma mission est de faire aimer le bon Dieu comme je l’aime, de donner aux âmes ma petite voie de confiance et de abandon (Santa Teresa do Menino Jesus: Minha missão é de fazer amar o Bom Deus como eu o amo, de dar às almas minha pequena via de confiança e de abandono. Santa Teresa de Ávila aparece, por seu turno, numa lembrança da festa em sua homenagem em Teresópolis, em 18-10-1936. Sendo as cidades serranas de Petrópolis e Teresópolis o lugar preferido para as temporadas de verão, quando o calor do Rio de Janeiro se tornava “insuportável”, não é de todo estranho que as devoções das paróquias locais – no caso a de Teresópolis, a cidade de Teresa – se tornasse também objeto de oração dos chamados “veranistas”.

A devoção a São Benedito aparece em inúmeros santinhos. Não somente pelo valor místico do próprio santo, mas pela sua íntima conexão com a devoção de Nossa Senhora do Rosário, nas roças de Minas Gerais, e com a devoção de Nossa Senhora Aparecida, no vale do Paraíba paulista, especialmente na cidade de Guaratinguetá. Alguém teria, em 1966, assistido à festa do santo naquela cidade, muito possivelmente coligando-a à data uma romaria à Aparecida, em honra de Nossa Senhora Aparecida, pois no santinho está escrito: “Lembrança da festa de São Benedito; e os nomes do Rei, da Rainha, do Juiz de Vara, da Juíza do Ramallete, Capitão do Mastro, Tenente da Coroa, Alferes da Bandeira (...)”.

Uma profusão de outros santinhos mostra Santa Engrácia, São Pedro Gonçalves, São Dimas, São Judas Tadeu, São Tarcísio, Santa Luzia, Santo Onofre, São Jorge – ao qual uma letra de criança bem pequena acrescentou a lápis: “Viva São Jorge, padroeiro dos soldados” – , São João Bosco, São Braz, Santa Mônica e Santo Agostinho, São Cosme e Damião, Santa Francisca Xavier Cabrini e Santa Catarina de Labouré, São Francisco Xavier. Nessa profusão de santos destaca-se ainda a devoção a São Francisco, tanto na versão de Assis, de amigo dos animais,

como na versão das Chagas, aos pés do grande chagado, que é Jesus Cristo na Cruz. No primeiro, uma dedicatória não datada: "À querida amiguinha Cecília, oferece a amiga que a estima de todo coração, aluna do Sion que hontem sofreu uma taquicardia, a Stela Maria Cardoso". No verso de outro, a Heresia número 11, da série das heresias já mencionada, no trecho referente ao santinho doado por Irmã Voisin, o Nestorianismo: "Sabido que em Cristo há duas naturezas, uma divina, outra humana.(...) Nestório, patriarca de Constantinopla apresentou esta teoria: 'Em Cristo, dizia ele, não há apenas duas naturezas, mas também duas pessoas, uma divina e outra humana. Maria SS concebeu a pessoa humana, não sendo por isto Mãe de Deus'".

Resta falar das estampas místicas dos beatos, por quem se pede orações pela sua santificação, como o padre Dehon, muito ligado à devoção do Coração de Jesus, a Sórora Josefa Menendez, o Venerável Matt Talbott, vidente irlandês, o venerável Domingos Sávio e a Serva de Deus Francisca Paula de Jesus, a Nhá Chica, que levava famílias abastadas até Baependi, Minas Gerais, enquanto faziam as suas "estações de água", suas temporadas de cura de vinte e um dias em São Lourenço, Caxambu, Cambuquira ou Lambari. A Nhá Chica era para essas famílias o mesmo que a estampa da escrava amordaçada Anastácia era para domésticas, trabalhadores, para os taxistas e muita gente "de cor": a certeza de que uma vida de muito sofrimento resulta em ganhos celestiais.

Não se dispensava também imprimir santinhos dos papas: Pio XII e João XXIII foram numerosos expressando uma fidelidade básica à sua atuação infalível, motivo pelo qual sua figura também aparecia nos pergaminhos emoldurados das casas de médicos, engenheiros, militares, mestres e muitos outros e que se denominavam bênçãos papais. Vale a pena reproduzir os dizeres dessas estampas piedosas em tamanho de um quadro, que pendiam das paredes mais nobres das casas de moradia: "Beatissimo Padre, Sm. E.P. e familia, humildemente prostrado aos pés de Vossa Santidade, implora a Benção Apostolica e a Indulgencia Plenaria 'in articulo mortis' ainda mesmo que, não podendo confessar-me nem receber a Sagrada Comunhão, só invoque arrependido, com a bocca ou ao menos com o coração o Santissimo Nome de Jesus(...) 25 de junho de 1925 – assinaturas".

1.4 Santinhos de Batismo

Eram distribuídas estampas piedosas por ocasião do sacramento do batismo, o qual era ministrado à criança, em geral de baixa idade, ainda bebê. Como no batizado de S.P.D., realizado na Matriz de Nossa Senhora de Copacabana em 7 de agosto de 1954. No verso estava também escrito: "Em verdade, em verdade te digo, quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no Reino dos Céus".

Seguia-se ao batismo uma festa familiar farta em comidas salgadas e doces, refrigerantes, sucos, ponches e o indefectível bolo, montado em suporte e base de madeira forrada de papel prateado ou dourado, que podia ser simples ou dotada de ornamentos confeitados com açúcar alusivos à data: pombinha do Espírito Santo, anjinhos, a estátua de uma criancinha vestida de branco. Os padrinhos do batismo, escolhidos entre os próprios familiares, avós maternos da criança, por exemplo, ou entre amigos próximos e íntimos, colaboravam com os pais no financiamento de distintos itens da festa. Então, era distribuído o santinho como lembrança do comparecimento aos dois momentos, à solenidade litúrgica e a festa familiar.

1.5 Santinhos de Primeira Comunhão

Bem mais freqüentes são as estampas piedosas relativas a esse sacramento, recebido entre os sete e oito anos de idade. Consistia na recepção das espécies consagradas pelo próprio Cristo, quando da última ceia realizada em Jerusalém antes de sua morte na cruz. A espécie pão vem sob a forma de um disco achatado e branco preparado com trigo, a hóstia, e o vinho tinto, especialmente preparado para os rituais podia ser bebido de um cálice de ouro ou outro metal nobre, especialmente destinado a estas celebrações. Consagrados por um sacerdote católico que, após sua elevação, aos olhos dos assistentes durante o ritual da missa, era distribuído pela primeira vez às crianças da faixa etária aludida, de modo solene, sob o formato de partículas menores.

Vestidos de branco, meninos e meninas, estas com um delicado véu de renda ou filó sobre a cabeça, o qual estava seguro por diadema e vestido comprido, e aqueles, com um terno de calças curtas, branco, complementado por camisas brancas e meias três quartos, também brancas, assistiam à missa em companhia de pais, irmãos, tios, primos, avós, após período de catequese – o catecismo – oferecido pelos colégios católicos e, àquela época, também por colégios leigos, pelas atividades das paróquias e, em casos excepcionais, pela própria mãe ou tia ou avó do ou da neo-comungante.

Num santinho comemorativo de Primeira Comunhão de M.J.P., lê-se que foi realizada na Igreja de São Francisco Xavier no dia 3 de dezembro de 1914. Noutro, de sua irmã, e que tem a forma de uma diplomação que esteve emoldurada durante muitos anos em sua casa, sabe-se que o sacramento foi realizado na Capela do Colégio dos Santos Anjos, onde ela então estudava. A frase alusiva à data está em francês, pois o colégio, dirigido por uma congregação de religiosas francesas, ensinava o francês como segunda língua às meninas – língua de polidez e cortesia para ser falada em casa e em situações sociais: “Merveilleux souvenir du jour plus sacré de ma vie (Maravilhosa lembrança do dia mais sagrado de minha vida)”

Certa vovó Eugênia recebe de sua neta um santinho de sua primeira comunhão realizada em 1954, que diz: “Quando eu feliz comungava/ A hóstia da redenção/ Minh’alma se extasiava/ Ao som da linda canção/ Era Jesus que cantava/ dentro do meu coração”.

A esse sacramento, recebido na Igreja de São Paulo Apóstolo, no bairro carioca de Copacabana, seguiu-se uma festa familiar com amigos, padrinhos, parentes, muitas crianças na casa dos pais da menina, onde a mesma abundância alimentar de doces e salgados, de bebidas e do bolo decorado movimentava o animo dos convidados.

Também aniversários do primeiro ao de oitenta anos eram situações inescapáveis para a distribuição de santinhos, ainda na saída da missa de ação de graças ou já na comemoração doméstica, íntima e familiar. Jubilações, isto é, aposentadorias, tanto quanto formaturas, ensejavam missas e convidavam à feitura e distribuição dos mesmos. Dagmar M., por exemplo, distribui um santinho do veneradíssimo Coração de Jesus, por motivo de sua aposentadoria, em 1959, e aduz, “Coração de Jesus, reino de sabedoria, agradeço a vossa proteção”.

Costumeiramente realizavam-se comunhões anuais, entre crianças, jovens e adultos, que se reuniam para uma missa solene na paróquia ou numa igreja de sua escolha. Um Cristo Bom Pastor ilustra a Páscoa dos Homens e Senhoras da Paróquia da Tijuca e se pede em oração: “Senhor, no silêncio deste dia que amanhece venho pedir-te a paz, a sabedoria, a fôrça”.

Uma comunhão coletiva realizada em 12 de julho de 1931 mostra o Cristo abraçado a uma criança e o texto: “Recevez Jesus dans son sacrement pour qu’il vous donne son coeur et que tous lui donnent le vôtre (Recebei Jesus no seu sacramento, para que ele vos dê seu coração e que todos dêem os vossos)”.

O Cristo como o Cordeiro, imagem cara ao catolicismo, cercado de flores, é o motivo da estampa piedosa dada em lembrança da Comunhão Pascal dos professores, alunos e funcionários da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, no Rio, em 10 de junho de 1965. Cinco anos além do período delimitado pela pesquisa, a inclusão desse santinho se dá por ter sido essa a última Páscoa da Faculdade, onde ventos de mudança social tornavam francamente improváveis novos eventos desse tipo.

1.6 Santinhos de Aniversário de Matrimônio: Bodas de Prata e Bodas de Ouro

São muito numerosos. Isto porque a perenidade do matrimônio eclesiástico católico era um valor colocado acima de quaisquer outras circunstâncias. Obviamente, os mais idosos – que já apareciam por volta de 1910 e anos seguintes já casados fizeram as chamadas bodas de ouro no final do período demarcado pela pesquisa, entre 1950 e 1960, e, em certos casos, um pouco mais adiante no tempo. De longe, a estampa piedosa escolhida em maior número são as Bodas de

Caná, símbolo bíblico do matrimônio abençoado por Deus, pois a ele compareceu o próprio Jesus, na companhia de sua mãe, a Virgem Maria. A Bíblia, no Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, conta que lá se realizou o primeiro milagre da vida pública de Jesus, por indução da Virgem, que pede a seu filho que tome uma providência, pois na festa de casamento constata-se que o vinho para os convivas havia acabado. Instado, Jesus acaba pedindo aos servidores domésticos que lhe tragam os cântaros gigantesco onde se guardava a água e a transformou em vinho, por obra e graça de seu pai, que está no Céu.

As solenidades começavam com uma missa celebrada em grande pompa, de preferência em Igreja conhecida da maioria dos convidados. Compareciam à mesma parentes próximos e distantes, uma profusão de amigos, colegas e vizinhos. Importante notar: vizinhos, com os quais se perdeu uma solidariedade de contatos primários, hoje rara ou inexistente no Rio de Janeiro. Durante a missa, o sacerdote celebrante efetuava a renovação dos votos conjugais. Ao final, após os cumprimentos, e as fotos, geralmente na própria igreja, no salão paroquial ou nas escadarias do templo, seguia a multidão para a casa familiar do casal para uma festa, também denominada recepção. A distribuição abundante de iguarias finas – denominadas salgadinhos e docinhos, as bebidas com e sem álcool – a conversação ruidosa em várias dependências da casa ou do apartamento, a ida ao aposento do casal para ver os presentes, além das chamadas “corbeilles” de flores que se espalhavam pelos ambientes das salas, culminariam com o corte do bolo comemorativo, uma imensa peça comestível coberta de açúcar glacê confeitado e colorida, com guirlandas, anjos corações e por vezes, a representação do casal em pequenas imagens, ao centro. Esses aspectos da festa também ocorriam nos casamentos, sendo as Bodas, de Prata e de Ouro, uma renovação da comemoração inicial de um matrimônio.

No santinho de Bodas de Prata de H. H. e A. T., lê-se: “Felizes aqueles que amam a Deus. Sua posteridade será abençoada e sua justiça permanecerá para sempre” – Salmo 112. E ainda: “Missa em ação de graças, celebrada pelo Padre Paulino Bressan, na Matriz de Santa Margarida Maria, Lagoa – 1935 – 23 de setembro de 1960”.

Na lembrança das Bodas de Prata de F. J. Janibelli e Z. F. Janibelli, lê-se o ideal do casamento cristão que unia o homem à mulher: “Num só coração, numa só alma, unidos para sempre, agradecemos a Jesus, por Maria Santíssima, as bênçãos recebidas durante os nossos felizes vinte e cinco anos 1942-1967”. M. J. Frotta e M. Frotta repetem o mesmo ideal: “Senhor, abençoei nosso lar e conservai-nos sempre felizes e unidos, num só coração e numa só alma, 1939-1964”.

Já as Bodas de Ouro de E. e E.P., celebradas na Matriz do Sagrado Coração de Jesus em 19 de julho de 1954, ofereceram uma oportunidade extraordinária aos familiares de reforçarem os laços com a devoção do Coração de Jesus, ao qual a família estava consagrada, e cuja

entronização do quadro desta invocação já havia motivado um ciclo de orações semanal dentro da própria casa. A festa familiar, na residência do casal foi certamente uma das recepções mais luxuosas e mais abastadas que povoar de sonhos as cabeças da época.

1.7 Santinhos referentes a mortes, atos fúnebres e missas de sétimo dia por falecimento

Todos ornados com moldura ou tarja preta, o da morte de Irmã Ernestina trazia seu retrato no oval preto e branco e uma pequena biografia. Falecera a 22 de dezembro de 1944 – Pax. O da morte de Floriano Peixoto Bittencourt, falecido em 14/11/63, lembra: “Sua vida se resumia nas solitudes incessantes pela felicidade dos seus”. O de Maria do Amaral Campos: “Senhor nós vos agradecemos a graça que nos concedestes – a dádiva de tão Santa Mãe; Nós vô-la devolvemos, dizendo entre lágrimas: seja feita a vossa vontade”. Embaixo de seu retrato, as palavras de Santo Agostinho: “Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem amei na terra”. O de Irmã Maria Eugenia, filha de Maria Auxiliadora, tem na frente um anjo portando lírios e a frase, em italiano: “Sono per il cielo, bellissimi gigli irrigati dai vivi della grazia”. O do Pe. Edmundo Monsaert diz que: “Confortado com todos os Sacramentos da Santa Igreja, piedosamente faleceu aos 4 de abril de 1940, bem como suas palavras na última reunião do Conselho Central do Apostolado da Oração: ‘Não nos poupemos às obras do apostolado para a salvação das almas, porque nossa recompensa eterna é o próprio Jesus’”.

No de Jaime Joaquim Pereira da Rocha, falecido em 3 de dezembro de 1959, no então Distrito Federal, uma frase, eloqüente, entre muitas outras, diz: “Idolatrado esposo e pai: Nosso lar está vazio por tua ausência, mas estás sempre presente, porque tudo fala de ti e encerra a tua vida, porque estás dentro de nós”.

Num santinho fúnebre de Elcy da Cunha Feo diz-se: “A sua memória permanecerá como suave perfume e a sua lembrança jamais se apagará, Ave Maria!”. E ainda: “A família chora a perda irreparável desta nobre alma, orando pela sua paz no reino celestial”. O de Filomena Spinelli Galhardo, falecida em 7 de abril de 1962, diz-se simplesmente: “A luz eterna a ilumine, ó Senhor”. O de Dinorah Pacheco Froés da Fonseca ensina que na Ordem Terceira dos Recoletos de Santo Agostinho era Irmã Dinorah Maria do Santíssimo Sacramento e segue o seguinte trecho, tirado do Evangelho de João: “Eu sou a Ressurreição e a Vida. O que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e o que vive e crê em mim não morrerá eternamente”. A Virgem das Dores, a mater dolorosa, aparece na primeira capa do santinho.

O santinho fúnebre de Zulmira Feital de Freitas adverte: “As lágrimas secam, as flores murcham, só a oração sobe a Deus”. O de Adelaide O'Reilly contém as palavras de santo Agostinho: “Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem amei na terra” e lembra

ainda: “Tú, alma bondosa, espalhaste o bem sobre a terra e o hás de receber lá no Céu ao lado do Senhor; Nada poderá apagar a tua dulcíssima lembrança; nada poderá suavizar esta saudade cruciante”. O de Julio Cesario de Mello, falecido no Rio de Janeiro em 28 de setembro de 1952, traz seu retratinho e o trecho de Jesus Cristo no Sermão da Montanha: “Bem aventurados os que sofrem porque deles é o reino dos céus”.

E, ainda, há o santinho em que dois filhos aflitos choram a mãe, chamando-a de artista do amor, e dizem: “Como artista do amor, ela aponta para a fonte de todo amor, me aponta para ti, Senhor. Obrigado, muito obrigado, Senhor pela artista do Amor (grifo) que puseste em minha vida. Obrigado, Senhor, por ela, obrigado por minha mãe”. Não há data no santinho, mas a estampa, já em cores, mostra um rochedo sob o céu azul, margeando um lago tranqüilo, que o espelha.

Mas, é voltando a 1938, a um santinho pintado a mão que Romana Foster Vidal envia a Eugenia um “Afetuoso e saudoso abraço em 19 de julho, aniversário desta. Na frente o trecho já habitual em francês por meio do qual duas mulheres cultas – e, ainda, no caso – autônomas no seu trabalho e no seu espírito, se comunicavam: “Sacrifions-nous, à la cause de Dieu luttons/ Se sacrifier ce n’est point mourir, c’est vivre au Centuple – P. Didon (Sacrifiquemo-nos, para a causa de Deus lutemos/ Se sacrificar não é de modo algum morrer é viver centuplicadamente)”.

2 As estampas piedosas: 1960-1990

Na coleção em apreço, os santinhos diminuem de número significativamente pelos anos sessenta afora, tornam-se raros; os sacramentos também rareiam; há menos batismos, primeiras comunhões, crismas e bodas. Há menos devoções, explícitas ao Coração de Jesus ou à Virgem Maria. Há uma substituição dessas festas sacramentais por festas simplesmente laicas; as missas em ação de graças já não servem de pretexto para as festas familiares ou vice-versa.

Com o declínio dos colégios católicos a educação se laiciza; o pentecostalismo começa crescer, a adesão exclusiva à umbanda penetra firmemente nas famílias de classe média; baixa, média e alta. Com isso vem também o declínio da frequência às missas e rareiam as encomendações dos corpos nas capelas do cemitério. As primeiras comunhões simplificam-se na cerimônia, no traje, nos convites para a missa e para a festa posterior, se é que a mesma ocorrerá. Um novo tipo de espiritualidade surge; trata-se de um espiritualismo dissociado de religião, quando antes os donos dos santinhos viviam sua espiritualidade indissolúvelmente *dentro* da religião.

O agnosticismo e o ateísmo também crescem, mas sem nenhum cientificismo; trata-se de materialismos temperados de concessões, como, por exemplo, batizar os filhos por motivo social e não por motivo religioso e social.

A cultura dos grandes centros urbanos do Brasil passa por um processo de laicização: domingo não é dia de missa, é dia de praia no Rio de Janeiro. Em São Paulo, domingo é dia de shopping, não é dia de missa.

Declinam os escotismos e bandeirantismos – em que a crença católica se firmava nas crianças e adolescentes, malgrado o anglicanismo da terra de Lord Baden Powell. Das fileiras da igreja muitos debandam para uma esquerda católica, não sacramental e não clerical, e também para uma esquerda agnóstica. O sistema de trocas das famílias católicas se desaquece. As páscoas dos diversos segmentos, geracionais e profissionais rareiam e as aulas de catecismo, como elemento obrigatório da formação moral das crianças nas paróquias e escolas, desaparece gradualmente.

O fermento da sociedade de massas começa a inchar, descaracterizando a cultura religiosa da alta e média classe média como elemento centrípeta dos interesses que unem familiares, parentes, compadres, amigos, colegas e vizinhos entre si. Os crucifixos desaparecem dos bancos, das magistraturas, das lojas comerciais, assim como desaparecem da parede atrás das cabeceiras das camas de adultos e crianças. Desaparecem também as Ceias do Senhor, de Leonardo da Vinci ou não, das paredes mais próximas à mesa da sala de jantar, bem como as inevitáveis bênçãos papais emolduradas, que nunca mais foram vistas. Trocados por paisagem e “portraits” tradicionais e modernos, vão se refugiar em alguma gaveta ou sobre uma mesa de cabeceira do quarto de dormir. Os cartões com motivos laicos proliferam cada vez mais nas lojas; não se fala mais em santinhos destinados a marcar um rito de passagem, da catolicidade ou da vida, como um aniversário ou um falecimento. Mesmo entre católicos, as missas já não são convites das famílias, mas comunitárias, isto é, as pessoas envolvidas numa celebração se reúnem num horário costumeiro das celebrações de uma paróquia.

Das escolas leigas – e com mais razão – desaparece o catecismo. Diminuem também os terços, as novenas, as ações de graças rezadas em casa, bem como nos templos. Laiciza-se o cumprimento – pais não abençoam mais os filhos; os filhos e afilhados não são mais abençoados pelos pais e padrinhos. Os matrimônios, ainda que eclesiásticos, se tornam, entre os mais abastados, verdadeiros “*potlaches*” de classe: suntuários, prestam-se à exibição da melhor música ou da melhor banda, da roupa de “griffe” mais extravagante, da festa magnífica. Nenhum santinho expressa o pensamento místico da família; está-se em pleno desencantamento do voto perene do enlace do matrimônio; o luto vestimentar cai completamente; “o luto fechado”, caracterizado pela vestimenta preta feminina por um ano e da tarja preta, no braço ou na lapela

do paletó masculino, ou a gravata preta, desaparece completamente. Aliás, não é outro o motivo da moldura negra nos santinhos de falecimento; o preto os diferencia dos demais, conforme já foi dito antes, pois essa cor simboliza a perda e a morte.

A dieta muda. A partir dos anos sessenta as interdições alimentares intimamente coligadas com os sacramentos caem: já não se respeita à abstinência do consumo da carne de boi, frango e porco das sextas-feiras entre a Quarta-feira de Cinzas e a Sexta-feira Santa, o tempo da Quaresma. Com ele vai de roldão o hábito carioca – este mais abrangente do que na alta e média classe média – de comer peixe no almoço das sextas-feiras. O aumento significativo do consumo de bacalhau seco durante a Semana Santa desprende-se de um ato cultural mais antigo, que dormita, agora, no inconsciente.

As orações familiares e paroquiais, estimuladas pelos santinhos, que as perpetuavam e as divulgavam no verso da estampa, declinam e com elas, também os terços, novenas e ladainhas freqüentadas nas casas. Nesse sentido, a casa de moradia carioca perde muito da substância sagrada que sempre a caracterizou em oposição à rua profana. Vale também lembrar que os antigos sacramentos eclesiais desaguavam muitas vezes em longas e concorridas procissões que preenchiam ruas inteiras dos bairros. Essa sacralidade da rua, ou melhor, essa sacralização da rua era assegurada pela ida à mesma do santo dos santos, o Santíssimo Sacramento. O aparato místico que ia no bojo das procissões transmutava a rua; também os anjinhos, as pias uniões, o apostolado da oração, os catecúmenos. O incensamento do séquito purificava e santificava o ar, os hinos e cânticos abafavam os sons corriqueiros, das vozes, dos bondes, dos ônibus e lotações. Essa rarefação desse tipo de evento no Rio de Janeiro devolve suma importância às procissões de Nossa Senhora do Rosário, nas pequenas cidades do Nordeste de Minas – para ficar apenas num exemplo estudado pela pesquisadora – vigorosas, hoje, nesse e em outros lugares pequenos, próximos ao meio rural, e uma importância muito grande à pesquisa de Gilsa Rojas Barreto, com seu trabalho sobre a Folia de Reis no bairro dos Pereirão, no Estado de São Paulo.

As estampas piedosas, primeiramente se infantilizaram – coisa de batizado e primeira comunhão de crianças – nos demais âmbitos desapareceram quase completamente. Novos roteiros místicos passaram a povoar a alta classe média católica – como, por exemplo, os Cursilhos de Cristandade, já nos anos setenta e a Renovação Carismática nos anos oitenta do século passado, mas gradativamente observa-se – a semântica já é outra.

O que aconteceu? Surgiram novas permissões e proibições, novos sistemas de troca e reciprocidade. Mas, a religião, especialmente a religião católica romana, de base sacramental e missal, **desencaixou-se** da vida social total da alta classe média carioca. Ela não é mais *de berço*, ela é *de escolha*. Nada nela é mais de raiz, ou seja, visceral. A vida urbana nessas frações sociais propõe um novo regime de aceitações e rejeições, como, por exemplo, em frases ouvidas de

membros mais jovens: “Aceito a devoção aos santos, mas não creio que na Eucaristia esteja Jesus em carne e sangue”. Assim como: “Não vou à missa aos domingos, mas me apego com Nhá Chica sempre que a necessidade aperta”. Ou então: “Sou católica, mas meus filhos só vão fazer primeira comunhão se me pedirem (a ela, mãe)”; “Prefiro conversar com um preto velho na Umbanda de sábado à tarde do que com um padre no confessionário”; “Meus filhos jamais irão para o colégio de freiras [ou de padres], porque eu estudei alí muito contrariado com aquelas manias de freiras [ou padres] de rezar e confessar a toda hora”.

Ou, então, projetavam os membros mais jovens, ou estes próprios escolhiam essa entrada em novos formatos de espiritualidade. Espiritualidade, sim, mas sem religião. *Acabara a adesão automática*. Enquanto isto, a materialidade envolvente do dinheiro convidava cada vez mais às atividades laicas. O lanche de domingo, o clube noturno da moda, o show imperdível do roqueiro, a iniciação sexual mais cedo e mais liberada, no carro do pai no apartamento dos amigos, nos primeiros motéis e não mais nos bordéis.

Também a nova teologia da Igreja, após o Concílio Vaticano II, cuja transição se dá ainda no Pontificado de João XXIII, desvaloriza o culto aos santos, inaugura uma iconoclastia sutil que desvaloriza as imagens e aí vão de roldão os santinhos. A Teologia da Libertação aproxima-se corajosamente dos pobres, mas deixa a classe média – especialmente a alta – na orfandade. Ela se sente deslocada no seio do discurso do Deus liberador dos oprimidos. Só os “politizados” – e aí entra o papel renovador do pensamento de esquerda na sociedade brasileira – pedindo reformas aderem realmente a essa face nova da Igreja. A alta classe média contempla perplexa essa nova coligação da Igreja e da política.

Enquanto isto, as grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, vivenciam a contramão dos processos acima assinalados por meio dos primeiros indícios da globalização capitalista: o consumismo é a nova religião. Os meios de comunicação de massa, a produção acelerada de bens de consumo ocupa o tempo social antes ocupado com os sacramentos, as missas, as novenas, as encomendações, as procissões. Novos encaixes são articulados: família e sexo; indivíduo e profissão mais rentável; lutas pela melhoria das condições econômicas e aquisição de riqueza. Não é à-toa que esses temas foram, mais tarde, sabiamente adotados por certas Igrejas Pentecostais, que passaram a fazer cultos da prosperidade.

O impacto dessas transformações sobre as relações sociais que se articulavam junto aos santinhos foi notável: os laços de família se tornaram mais frouxos e abertos; a oposição de pensamentos e ideologias se instala. Nada mais estranho à circulação das pequenas estampas entre mães e filhas, entre irmãs, entre primas, entre cunhadas – e note-se – apesar da presença masculina, os santinhos circulavam mais entre mulheres, pelo menos na vasta coleção analisada – do que estas dicotomias conflitivas que se instalam.

Com tal impacto não é somente a família conjugal que se modifica. Modifica-se também o compadrio. Enfraquece-se essa instituição tão apreciada até então na camada em apreço. Se os sacramentos já não são tão freqüentemente distribuídos desnecessários se tornam padrinho e madrinha de batismo, de crisma, de casamento. Para quê madrinha ou padrinho de apresentação ao Sagrado Coração de Jesus? Ou mesmo, se essas relações perduram, não têm o mesmo peso afetivo e social de outrora. Há padrinhos que há muitas décadas não são visitados por seus afilhados e há mesmo filhos e filhas que há muito não vêem seus pais – até porque moram, uns ou outros fora do país – situações impensáveis num mundo de reprodução homogênea da relação religião católica-família de alta classe média entre 1910 e 1960.

3 Santinhos e devoções: 1990-2000

É um outro tipo de estampa piedosa que circula no universo católico da década de noventa do século passado em diante. A partir de então começam a aparecer, colocados por pessoa anônima, nos bancos da igreja no balcão da loja de doces e da boutique de luxo e até na bolsa situada em face do banco traseiro dos táxis, santinhos que trazem, além da imagem na frente e da oração no verso, a seguinte informação: “Hoje mando imprimir um milheiro desta oração em ação de graças por um grande benefício recebido – Gráfica Santana – www.graficasantana.com.br. Rua Olavo Egídio, 824, Cep: 02037-001, Santana – São Paulo – SP – telefones – R\$ 20,00 o milheiro – Taxa de Entrega em casa, na Capital de SP R\$ 5,00 – Entregamos em todo o Brasil via correio – Taxa sob consulta”.

Foram encontradas algumas devoções firmemente estabelecidas nas representações mentais da alta classe média; só que esses novos santinhos, impessoais e cujo preço do milheiro pode-se dizer a qualquer um são distribuídos anonimamente nos locais mencionados, são também destinados a recipientes anônimos; recolhidos pela pesquisadora, poderiam ser recolhidos por qualquer um.

Os santinhos de Santa Rita de Cássia continuam firmemente presentes no cenário das devoções. A santa dos desesperados e impossíveis apresenta-se agora como último recurso. Mais do que nunca os fiéis têm *pressa*, daí constar no verso o seguinte: “Se você se encontra *desesperado* numa situação que julga de *impossível solução* e está precisando de *socorro urgente*, peça ajuda à Santa Rita de Cássia. Esta santa é invocada nos casos julgados impossíveis, mas que sempre acabam bem, graças a sua maravilhosa intercessão junto ao Nosso Senhor Jesus Cristo”. E segue a oração miraculosa.

Já os santinhos de Santa Terezinha das Rosas, que na coleção de 1910-1960 aparecia como Santa Teresinha do Menino Jesus ou de Lisieux, a quem se poderia dirigir em francês por

ser uma língua bastante utilizada entre os proprietários das estampas piedosas, promovem a novena milagrosa de Santa Terezinha das Rosas: “(...) Se você está correndo algum tipo de perigo, vivendo momento de aflição ou angustia, faça a Novena Milagrosa de Santa Therezinha das Rosas. Diz a tradição, que a pessoa receberá de alguém, de uma maneira bem inesperada, uma rosa, sinal que seu pedido será atendido pela querida e poderosa Santa Terezinha das Rosas (...)”. Bem abaixo, após a oração, o aviso: “Mande fazer a publicação do seu milheiro, ligando de qualquer lugar do Brasil para (...) Editora Santo Expedito R\$ 38,00 – Taxa de Sedex (...)”.

Mas nenhum santinho expressa melhor o tempo contemporâneo do que os de Santo Expedito. Apresentado nas estampas com mensagens diferenciadas, apresenta-se como o santo das conversões imediatas pois traz a palavra HODIE – hoje, em armênio, sua língua de nascimento, gravada na cruz que o sustenta. Também aparece como guardião das chaves – não as chaves do Céu, como aparecia São Pedro na iconografia antiga – mas as chaves que abrem as portas fechadas das causas insolúveis, mas por isso mesmo urgentes. Essa idéia de desespero, pressa e urgência expressa uma relação íntima com a representação mental e a prática social de um tempo acelerado, mais rápido, que exige a prontidão de soluções que retirem entraves, que freiem ou tornem lentos as empresas, os trabalhos, a riqueza, o amor, o emprego ou o simples recebimento de uma dívida monetária há muito tempo emperrada.

Santo Expedito é o santo das causas urgentes, mas também substitui São Jorge nos fechamentos dos corpos humanos à doença, à violência, à inimizade, à morte. Na primeira versão de sua performance encontra-se no verso da estampa, a seguinte oração: “Meu Santo Expedito das causas justas e urgentes interceda por mim junto a Nosso Senhor Jesus Cristo. Socorra-me nesta hora de aflição e desespero, meu Santo Expedito Vós que sois um Santo guerreiro, Vós que sois o Santo dos aflitos, Vós que sois o Santo das causas urgentes, proteja-me, ajuda-me, dê-me forças (...) atenda o meu pedido com urgência (...) Devolva-me a paz e a tranqüilidade, meu Santo Expedito (...)”

Após uma linha demarcatória, o aviso: “Hoje mando imprimir um milheiro desta Oração em ação de graças por um grande benefício recebido. Gráfica Santana – www.graficasantana.com.br. Rua Olavo Egídio, 824 – Cep: 02037-001 – Santana – São Paulo – SP – telefones - R\$ 20,00 o milheiro (...) Taxa de Entrega em casa na Capital de SP – R\$ 5,00. Entregamos em todo o Brasil via correio – Taxa sob consulta”.

Já na oração da chave de Santo Expedito, em outro santinho, lê-se: “Glorioso Santo Expedito, Mártir da Fé Cristã, amado Santo da minha devoção (...) De hoje em diante eu carrego comigo a vossa milagrosa chave que a (*sic*) de abrir todos os meus caminhos e fechar o meu corpo. Santo Expedito, com esta chave meus caminhos serão abertos, não há de me faltar saúde, paz na minha família, trabalho para mim e meus familiares, todos os meus negócios, hão de se

realizar na graça e no amor de Deus (...) Santo Expedito, com essa mesma chave meu corpo será fechado, as doenças não me atingirão, meus inimigos não me verão, a violência não me alcançará, a miséria, a peste e a fome jamais baterão em minha porta. Com a chave, a proteção e a companhia de Santo Expedito eu andarei livre como Jesus no Ventre da Virgem Maria”. Essa oração recorda logo as preces umbandistas tão habituais no Rio de Janeiro e Niterói. E ainda: “Em agradecimento, hoje mando imprimir e distribuir 1000 orações da chave, para propagar os benefícios e devoção ao poderoso Santo Expedito”. Mande imprimir você também logo após o pedido. Ajude a divulgar a Fé. E, após uma linha demarcatória: “Impressos Unidos pela Fé – Faça sua encomenda R\$ 37,00 o milheiro e *ganhe 2 chaves abençoadas*”. Ligue grátis 0800554116 ou (...) Entrega em todo o Brasil.

Na profusão de numerosas devoções em que se destacam Santa Paulina, canonizada há três anos apenas e considerada santa brasileira, Nossa Senhora Aparecida – e cujo verso de sua estampa piedosa apresenta coligada com uma nova gama de sentimentos que não se encontravam no maço dos santinhos mais antigos, e que diz: “Não caia em desespero”, bem como a surpreendente aparição do frade carmelita nordestino Frei Damião.

Cabe destacar, por idênticos motivos aos enunciados por Santo Expedito: as estampas místicas de Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Essa devoção, vinda da Alemanha recentemente e totalmente inexistente no maço 1910-1960 é a Virgem que resolve, encaminha e viabiliza o irresolúvel.

Ora, se Santo Expedito *expede*, a Virgem, *desata*. Se São Expedito age com a urgência que as difíceis questões pendentes exigem, não somente pelo freio que impõem à vida de cada qual, pelo limite frio e corrosivo dos prazos, que não cedem um só milímetro, só aumentando multas e penalidades quando não são cumpridos à risca. A Virgem dos Nós dissolve o ‘nó’ na garganta, o ‘nó’ nos negócios, o ‘nó’ no amor, especialmente aquele que liga o homem ou a mulher amada ao outro ou à outra que triangula a vida de um apaixonado(a), já que as coisas hoje se apresentam negativamente “amarradas”, idéia que as representações mentais da umbanda se encarregam de perpetuar no ambiente religioso sincrético em que os fiéis se movimentam hoje em dia.

Nessa fase, estão perdidos muitos dos circuitos de troca familiares, vicinais, de amizade e compadrio. Nada tão impessoal quanto penetrar numa igreja, incógnito, e ali deixar um maço de 400 santinhos, que serão recolhidos por muitos, também incógnitos. A reciprocidade é anônima e, se o dom entre desiguais era um dom podre, nas palavras do historiador social E. P. Thompson, o dom entre anônimos não é um dom e contradom; é, na verdade, um antidom.

Essa iconografia, vulgarizada e simplória, recorda a monotonia da produção massiva. E os santinhos, desprovidos de um elo sacramental, familiar e festivo, oferecem, além da figura e

da oração, a nudez de sua condição de mercadoria religiosa. Dar e receber sem conhecer o rosto de quem dá e o rosto de quem recebe é exatamente o que o dinheiro faz. Pode-se passar um pagamento em papel moeda ou cheque para alguém sem se conhecer seu nome e, se se sabe, é somente para que as instâncias repressivas o saibam também. Quem dá um troco de uma quantia pode também não saber nenhum contorno do rosto e da vida de quem recebe e o mesmo pode ocorrer com a esmola. E isso é antidom. Porque a materialidade envolvente do dinheiro mostra-se claramente, dita a regra, não só na súplica (a oração), mas na propaganda (o anúncio de prestação de serviço). O resto é que fica sombreado.

Uma observação sobre a devoção a Santo Antônio ligado aos namoros e matrimônios, mas também ao pão dos pobres é a famosa quadrinha já transcrita num trecho anterior deste texto: “Se você anda meio desorientado, precisando de uma boa proteção espiritual capaz de afastar você da doença e dos perigos que correm nossa alma e nosso corpo peça então ajuda a Santo Antônio”. Santo Antônio é também o Santo dos Namorados – coisa antiga – muitas pessoas são ajudadas a encontrar o seu par perfeito, aquele que acaba virando casamento.

Essas pias devoções circulam agora por toda a sociedade, a alta classe média inclusive. Pois os santinhos podem estar sobre a máquina de uma costureira humilde, no toldo do vidro da frente do táxi da vizinhança, no balcão da lanchonete, na bolsa da mulher “fashion-victim”. Perdendo-se o circuito privilegiado dentro da camada social de origem, o santinho se distribui em todas as direções. Evapora-se uma diacrítica de grupo: tudo está redigido em sonoro e emotivo português brasileiro. Se o latim era a língua da ocultação eclesiástica e que o próprio Concílio Vaticano II se encarrega de encerrar em toda e qualquer liturgia, o francês era uma língua preferencial e até prescritiva de comunicação [e iniciação] na alta classe média carioca no período analisado. Desnecessário dizer que esta também desapareceu.

E se não há mais bodas, páscoas, crismas, encomendações, terços e novenas com a frequência de antigamente e permanência das mesmas não implicam a mesma etiqueta de troca de antigamente. Basta distribuir os santinhos na hora que o doador pode fazê-lo. Se não puder, a vida apressada de hoje põe à sua disposição um “boy” (um menino!) para fazer o serviço.

4 Sobre o projeto de pesquisa:

Povo santo e pecador; vida familiar, religiosa e festiva da classe média abastada do Rio de Janeiro – 1910-1950

Nosso propósito é descrever e analisar o modo de vida desta camada nos planos propostos, oferecendo uma leitura das relações familiares (pai/mãe, pai/filho(a), mãe/filho(a), esposos) e outros aspectos relevantes tanto da descendência quanto da aliança.

Descrever também o modelo cultural deste catolicismo, que implica em processos de socialização que ressaltam a família, os sacramentos e as festas que selecionam, por seu turno comportamentos morais, éticos e religiosos precisos como enfatizam as invocações a Jesus Cristo, à Virgem Maria, aos Santos que selecionam também, por outro turno, proteções, devoções e orações que destacam o sistema comportamental mais adequado à vida diária, às festas e às situações de crise.

Trata-se também de analisar concepções sobre a igreja, a escola, a casa e a rua, que orientam a condição e a posição da classe média alta face à outras frações de classes sociais do Rio de Janeiro. Face aos mais pobres, que vivem da venda de sua força de trabalho em suas várias modalidades e face aos mais ricos, que continuam ancorando sua origem social na fazenda ou dependem da fábrica e do banco para a extração do sobretrabalho, direta ou mediaticamente.

Os valores específicos desta alta classe média também se diferenciam de uma fração mais baixa, pois além de valorizar os “estudos superiores” para os homens, e a profissionalização das mulheres nas escolas normais ou as “prendas do lar”, sempre secundadas por uma ou mais servidoras domésticas, desenvolve sempre uma noção de “carreira”, seja ela liberal, militar ou no alto funcionalismo público (almotacéis, notários, procuradores, professores concursados).

No âmbito religioso há também um sentido de trajetória de vida que a acompanha, bem como um sentido de representações simbólicas do ano, que marca a vida através do comparecimento às celebrações e festas, religiosas ou leigas.

Modelos culturais relativos à vida privada, tanto a compartilhada publicamente (como a comensalidade) como a do foro intimíssimo (como a sexualidade) dão também contornos específicos à camada no período analisado, obrigando o pesquisador a fazer uma antropologia histórica particular. Trata-se de comportamentos culturais não só do público e do privado, do sagrado e do profano, mas principalmente do permitido e do interdito, que irão dar a estes atores sociais particularidade já aludida. A particularidade mais notória neste último feixe de oposições radica nas noções de pecado, de graça e de perdão.

São questões de difícil demarcação, já que habitualmente esta alta classe média carece de interesse na maior parte da análise etnográfica no Brasil, que se inclinou preferencialmente ao campesinato, a classe operária, as sociedades indígenas e outros contornos identitários dos grupos sociais que excluem a perspectiva de análise aqui sugerida.

Trata-se de tarefa difícil, mas fascinante, porque músicos, literatos, juristas, médicos, militares, cineastas, educadores, historiadores e cientistas sociais foram acalantados na infância nos berços desta cultura e deste modo de vida que marcou profundamente o “Distrito Federal”, aliás, o Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro que após a Proclamação da República, mas especialmente após 1915 começa a receber um influxo populacional de novo tipo: com a falência gradual ou em certos casos catastrófica das elites latifundiárias regionais, originárias do Ceará, de Pernambuco, das Alagoas, de Minas Gerais e do próprio interior fluminense, a vinda para o “Distrito Federal” (aí sinônimo do Rio de Janeiro, embora de território mais amplo que a cidade assim designada) se torna a alternativa criada a este processo de decadência. O Rio oferece a possibilidade de ingresso nas grandes faculdades, nos grandes jornais, nas grandes bancas de advocacia, na vida política, girando entre Presidência da República, Senado e Câmara, que estes próprios se encarregam de criar ou preencher cargos, posições e empregos disponíveis. Para as mulheres, surge não somente a posição de mãe de família abastada, mas os professorados primários, técnicos e normais que as levavam à vida profissional fora do ambiente doméstico.

Reduzi o período a ser contemplado na investigação em relação ao texto Santos Santinhos em dez anos: 1910-1950. Isto porque o período da presidência de Juscelino Kubitschek, que se inaugura em 1955, bem como o processo de substituição das importações que deflagra um novo perfil da produção econômica do Brasil data da década de cinquenta do século passado.

O fato das devoções aos santinhos se sustentarem por um período mais largo (até 1960) mostra o caráter disjunto das mudanças nos diferentes domínios ou âmbitos da cultura e da sociedade.

AQUI ENTRAM OS SANTINHOS – DE 1 A 10
(QUE ESTÃO EM OUTRO DISQUETE)



*Festa do Sagrado
Coração de Jesus
Igreja de S. Crispim
e S. Crispiano, 1930.*



*Igreja de N.S. da
Conceição e
Boa Morte, 1915*



*Nossa Senhora
da Penha,
1917*



*Lembrança
de Primeira
Comunhão, 1931*



*Enlace
Matrimonial,
1936*



*Missa de
Sétimo Dia,
1944*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARCIAIS (incluem o projeto de pesquisa)

BARRETO, G. R. *Festa dos Três Reis Santos: um estudo sobre a Festa de Reis do Bairro dos Pereirão*. São Paulo: Departamento de Antropologia, FFLCH-USP, GAI/AA/CNPq, 2004. Relatório Final Referente à Pesquisa de Iniciação Científica.

BOAS, F. *Primitive Art*. London: Harvard University Press, 1927.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BRANDÃO, C. R. *Memória do Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CASTRO, S. P. C. *A Festa Santa na Terra da Parentalha: festeiros, herdeiros e parentes, sesmária na Baixada Cuiabana Matogrossense*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *Patrimônio de Nossa Senhora da Guia: terra da Santa*. S.l., s.d. mimeo

ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FERNANDES, R. C. *Aparecida: Nossa Rainha, Senhora e Mãe, sarava*. S.l., s.d. mimeo

FREYRE, G. *Ordem e progresso: uma tentativa de síntese*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

LE GOFF, J. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEACH, E. R. Nascimento Virgem. In: DA MATTA, R. (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). *Edmund Leach*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; v. 38).

_____. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MA ZOWER, M. *Salonica: city of ghosts*. London: harper Collins Publishers, 2004.

MARTINS, J. de S. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec, 1992.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MOURA, M. M. *Camponeses*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. Devoções Marianas na roça e na vila. *Cadernos CERU*, São Paulo, série 2, n. 8, 1997.

_____. Liberdade e igualdade: reflexões sobre campesinato sertanejo e política. *Cadernos CERU*, São Paulo, série 2, n. 3, 1991.

_____. A morte de um rei do Rosário. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. *Nascimento da Antropologia Cultural: a obra de Franz Boas*. São Paulo: Hucitec, 2004.

SILVA, S. A. da. *Virgem/Mãe/Terra: festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2003.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. Publicado pela primeira vez em 1902.

WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.

Sobre as técnicas de pesquisa

Além da consulta bibliográfica, estou me valendo de dois arquivos: o de Maria Júlia Pourchet, já falecida, e o de Luis Fernando Raposo Fontenelle, antropólogos cariocas. Este reside em Teresópolis, que tenho visitado regularmente desde 2004. Os arquivos constam de livros, revistas, fotografias, jornais do período demarcado para a pesquisa.

Valho-me também, de entrevistas e textos de pessoas que têm a origem social que a pesquisa contempla, e que se encontram na faixa etária de 74 a 94 anos (2006).

Fragments de observações anotados ou retidos na memória de minha própria infância que ecoavam a palavra de meus avós, tios, tias, primos e mãe (incluo meu pai, pois sua extração camponesa e vinícola, filho de família madeirense das proximidades da cidade do Funchal exigem estabelecer conexões explicativas com os estrangeiros que o Rio também recebeu) conferiam-me, nos anos 50 e 60 do século passado informações preciosas sobre o objeto deste trabalho.

Por fim, quero mencionar que amigos mais moços contribuem às entrevistas de campo, falando-me de seus pais e avós no Rio de Janeiro (onde continuam residindo) e em Teresópolis-RJ (onde passaram a residir nos últimos 10-20 anos).

Abstract: *Saints Little Saints* intends to be the first step of a research on the family feast and sacramental mode of life of the carioca (Rio de Janeiro) middle class in its richer fraction. Through the analysis of pious stamps of urban Catholicism called *santinhos*, we search to understand systems of change, mental representations and religious practices in a period between 1910/1960. Nevertheless ramifications with the three last decades of the twentieth century are also contemplated in the present article.

Keywords: gifts exchange; high middle class; Rio de Janeiro; sacraments; feasts-sacred stamps; family life